



**Simone Araújo
ainda faz
hormonioterapia**



vida normalmente. “Em 2020, minha mãe descobriu um câncer urotelial. Isso me afetou, porque era eu cuidando de mim e dela, mas tive apoio psicológico e emocional da minha família. Não foi fácil e ela acabou falecendo em 2021”, relata.

A história de Baby com o câncer a incentivou a ajudar outras mulheres que passam pelo mesmo. Ela se juntou à associação Vencedoras Unidas, que dá apoio a mulheres, e participa de um grupo de canoagem (@canomama_time) voltado para mulheres que se curaram do câncer mamário e se encontram para remar no lago Paranoá.

Superação

A professora Simone Araújo, de 48 anos, encontrou-se em um mar de sentimentos depois de o diagnóstico chegar em fevereiro de 2022. “Embora a gente saiba que o câncer existe, quando o diagnóstico acontece conosco, a realidade é completamente diferente”, descreve. Seis anos após a perda da filha Yasmin, Simone carregava muita dor, que foi intensificada com a descoberta de que estava com câncer. “Naquele momento, precisei encontrar forças para enfrentar mais uma situação extremamente difícil. O diagnóstico me fez perceber que, apesar de não termos controle sobre tudo o que acontece conosco, podemos buscar forças para enfrentar as adversidades e continuar caminhando”, relata.

Para ela, cada tratamento teve suas particularidades. Ela passou por quimio e radioterapia, e fez uma cirurgia nas mamas. “Precisei aprender a lidar com as mudanças que aconteciam no meu corpo e na minha rotina.” A professora lembra que o câncer acrescentou novos medos e inseguranças à dor do luto que vive

pela filha. “Além disso, existe o medo da recidiva, que não necessariamente termina quando o tratamento acaba. Aprendi que cuidar da saúde emocional é tão importante quanto cuidar da saúde física”, conta.

Diante de tudo o que enfrentou após a descoberta, Simone percebeu que não conseguiria exercer a profissão durante o período de tratamento. Por isso, afastou-se das atividades de professora para focar em repouso e no cuidado consigo mesma. “Naquele momento, eu precisava me recolher, cuidar de mim e reunir forças para enfrentar cada etapa. Simplesmente não tinha condições emocionais de conciliar o tratamento com a rotina profissional.”

Criar um vínculo com a equipe médica foi essencial para Simone. “Tive a sorte de encontrar uma equipe médica de excelência. Tenho um carinho muito especial pela Dra. Andréa Disciaciati, minha mastologista, e pela Dra. Patrícia Schorn, minha oncologista. Sou muito grata por tê-las em minha trajetória.” A professora lembra de ambas com carinho, e de como foram sensíveis e carinhosas.

É equivocado pensar que a jornada do câncer acaba com o fim da quimioterapia. O caminho continua, com exames semestrais ou anuais para garantir que o tumor não voltou. Baby ainda sente um frio na barriga quando deve realizar exames anualmente, mas afirma que está tudo certo. Simone também lida com uma ansiedade sempre que deve realizar avaliações. “É como se, a cada resultado positivo, eu recebesse a oportunidade de respirar aliviada e continuar vivendo com mais leveza. Entretanto, quando a data dos exames se aproxima, o medo da recidiva volta a aparecer”.

***Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**

da Criança. No momento, ela se sentiu sem chão, mas teve o apoio do marido e de toda a equipe médica desde o início. Uma de suas maiores preocupações ao começar a quimioterapia foi com a mãe e as filhas, ainda menores de idade.

O trabalho com as crianças no hospital ajudou a aposentada a não desistir. Ver os jovens enfrentando a mesma doença a fez erguer a cabeça e seguir em frente. “Eu fazia minha quimioterapia, meu marido sempre me acompanhou, dormia pela tarde, e à noite ia para oração da igreja. Minha fé em Deus me ajudou no tratamento”. A aposentada passou por 16 sessões de quimioterapia, 33 de radioterapia e hormonioterapia por sete anos, além da cirurgia.

Baby foi, posteriormente, afastada de suas funções no trabalho, teve sequelas tardias devido à hormonioterapia que fazia em paralelo à quimio e à radioterapia. Sentiu forte impacto em sua vida sexual, além de dificuldades em levar as filhas à escola, por dores nas articulações, mas se recusou a deixar de viver sua